

Autor

José Carlos Ribeiro Resende Alves

A large, stylized letter 'S' that incorporates a black silhouette of a snake's head and neck, with the snake's body forming the curve of the 'S'.

Serpentário

**Histórias que o Dr. Wilson Rocha
gostava de contar**

Belo Horizonte

2019

2019 José Carlos Ribeiro Resende Alves

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.
Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por
qualquer meio sem autorização prévia do autor.

Capa/Diagramação
Leandro Carlos de Toledo

Revisão
José Carlos Ribeiro Resende Alves

Impressão
Gráfica Pampulha
(31) 3465-5300

Ficha Catalográfica

Alves, José Carlos Ribeiro Resende

Serpentário: Histórias que o Dr. Wilson Rocha
gostava de contar / José Carlos Ribeiro Resende
Alves. - 1ª ed. - Belo Horizonte - 2019.

92p. : il.

1. Contos

Dedicatórias

A João Batista Gusmão, excepcional médico, cardiologista e intensivista de escol, a quem o autor deve sua vida. João foi também quem cuidou de Wilson e Natália nos anos que antecederam suas partidas;

A Wilson Luiz Abrantes, ícone da Cirurgia Brasileira, presidente do Serpentário;

A Wilson Rocha Filho, pediatra que seguiu as pegadas do pai, com muito apreço do autor.

Sumário

Bonfim (MG).....	09
Wilson Rocha.....	11
José Carlos Ribeiro Resende Alves – 5 de fevereiro de 2010 (discurso no sepultamento do Wilson Rocha).....	15
Falar de papai é tarefa difícil.....	17
Exportador de café.....	20
Gargalhada inconfundível	21
História de nordestino e japonês.....	22
Burrice encantadora.....	23
Prova de História.....	23
Rigor acadêmico	24
Feira de Acari.....	26
Exclamações.....	27
Gansos canadenses	27
Tratamento de meningite.....	28
Impasse	29
Galinhas de São Pedro	30
Caetano da Mumbeca.....	31
Vaselina	31

Trejeitos.....	32
Escala Bitcher	32
Fruta do mar	32
Tamanho de ferramentas	33
Metáfora.....	33
Hélio Fábio	34
Pneumotórax.....	34
Cargo de direção.....	35
Caso do turco bem-dotado	35
Vida sexual dos idosos	36
Invasões internacionais	36
Posição sexual	36
Ponte torta	37
Horário de verão.....	37
Prova da existência do capeta	38
Zoofilia e fitofilia	38
Pasta rosa	39
Diálogo com Apparício	40
Relação médico-paciente	41
Cartão de imigração	42
Soprador de alpiste.....	43
Cataputa.....	44
Futebol de várzea.....	45
Orgasmo.....	46
Boca de cauã	47
Leitoa no motel	49
Vai explodir!	50
Choque anafilático.....	50
Procissão do Encontro	51
Aguaceiro e futebol	53
Internação em CTI	54
Asma e homeopatia.....	55

Olhos miudinhos e fala baixa	56
Dentadura	57
Teníase.....	57
Livro do Sarney	57
Empréstimo a mau pagador.....	58
Operação de fimose	59
Rinite alérgica fatal.....	60
Que descarga!.....	60
Cheque sem fundos.....	61
Batida “motor de arranque”	63
Adivinha.....	64
Conselhos sobre masculinidade	65
Amizade segundo Guimarães Rosa.....	66
Estudo na velhice.....	66
Vocação para corno.....	66
Solução do problema indígena	67
Pediatria desvalorizada	67
Toniquinho Parreiras	68
Cornectomia.....	69
Vodka.....	69
Barbatana de guarda-chuva.....	70
Ginásticas calistênicas de alcova	70
Campinas	71
Sensações desagradáveis.....	71
Seca em Nanuque.....	72
Anamnese.....	72
Tá queimando!.....	74
Poligamia no Brasil.....	75
Refrega.....	76
Mora longe.....	77
Referências.....	78
Álbum de Família	79

Bonfim (MG)

Bonfim é um município de Minas Gerais, integrando atualmente a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Situa-se na extremidade sudoeste da Serra do Espinhaço, a maior cordilheira do Brasil.

É uma das cidades do Médio Paraopeba. Seus municípios limítrofes são Belo Vale, Rio Manso, Piedade dos Gerais e Crucilândia. O Povoado da Rocinha se formou a partir de remanescentes da bandeira de Fernão Dias Paes que buscaram minerar ouro na região, embora não haja registro de encontro de expressiva quantidade do metal. No início do povoamento, a atividade era agropecuária. O lugarejo fornecia víveres aos viajantes e mineradores.

Cerca de 1735, chegou à região o português Manoel Teixeira Sobreira que fundou a Fazenda Palestina e trouxe notável progresso. No decorrer dos anos, a região se firmou como produtora de gênero alimentícios, com significativo comércio com várias praças, através de tropeiros, constituindo-se em importante abastecedora de núcleos mineradores da Capitania de Minas Gerais. Bonfim do Paraopeba foi ainda importante em fiação e tecelagem, com uso de rocas e teares manuais, operados por escravas.

A freguesia de Bonfim foi uma das criadas pelo decreto da Regência Feijó de 14 de julho de 1832. O município foi criado pela lei nº 134 de 16

de março de 1839. A vila foi elevada à categoria de cidade pela lei nº 1.094, de 7 de outubro de 1860, com o nome de Bonfim do Paraopeba.

Wilson Rocha

Wilson Rocha nasceu em Bonfim (MG) em 6 de dezembro de 1927 e faleceu em Belo Horizonte em 4 de fevereiro de 2010 (82 anos). Sua mãe era Clarice Parreiras Rocha, nascida em Belo Vale, às margens do Rio Paraopeba, em 1898 e falecida em Belo Horizonte em 1981 (aos 83 anos). Seu pai era Waldemiro Rocha, primo em primeiro grau da esposa, nascido também em Belo Vale e falecido em Belo Horizonte em 1966, aos setenta e dois anos. Waldemiro exerceu a profissão de dentista prático em Bonfim, onde se dedicou também a um laticínio. Sob protestos, quase amarrado, Wilson foi encaminhado à Oliveira, MG, sendo matriculado no Ginásio Professor Pinheiro Campos (Ginásio de Oliveira), onde cursou o ginásial em regime de internato.

Lá foi aluno de Dona Hilda, professora que marcou positivamente a vida de Wilson. Hilda Fernal nascera em Oliveira, filha do prefeito Waldemar Fernal, formado na Escola de Farmácia de Ouro Preto. Dona Hilda lecionou Geografia e História no Ginásio de Oliveira, de 1934 a 1949. Era figura admirada, foi rainha dos estudantes e madrinha do Tiro de Guerra. Hilda Fernal incorporou o nome do marido, Edmundo Cascão, carioca, negociante de café, que foi dar com os costados em Oliveira. Hilda era tia do Waldemar Henrique Fernal, um dos discípulos diletos de Wilson que se destacou como excepcional neonatologista. Hilda foi professora da

Escola Normal da Fazenda do Rosário, em Ibirité, MG, de 1949 a 1961, trabalhando com a pedagoga russa Helena Antipoff, renomada educadora. Mudando-se para Belo Horizonte, Hilda lecionou no Colégio Izabella Hendrix. Waldemiro Rocha se mudou com a família para Belo Horizonte, onde cursou a Faculdade de Odontologia da UFMG.

Wilson concluiu o curso científico nos Colégios Arnaldo e Anchieta. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e se formou na turma de 1953. Comentava que passou apertado na disciplina de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental.

Examinado pelo catedrático, Professor João Baptista de Resende Alves, pai do autor, Wilson foi inquirido sobre vias de acesso à parede posterior do estômago. O examinando titubeou e tentou explicar como chegar, cirurgicamente, à parede gástrica posterior. João Resende deixou o aluno se enrolar e comentou jocosamente: - “Está certo. Sua via de acesso é ótima. Só quero saber como o senhor faz para afastar do campo a coluna vertebral?” No final, entre idas e vindas, o aluno passou raspando e posteriormente recordava o fato, às gargalhadas. Wilson passou os anos de 1957, 1958 e 1959 nos Estados Unidos. Em metade desse tempo foi residente do “St. Christopher’s Hospital for Children” da Temple University, Philadelphia. O estágio na Temple University foi

conseguido através de contatos do ilustre pediatra mineiro Hugo Marques Gontijo, formado pela FMUFMG. Wilson foi para a Temple acompanhado por Márcio Marcelo Oliveira de Lara Resende que se tornou ilustre neuropediatra em Belo Horizonte. Na Temple, Wilson foi discípulo de Waldo Emerson Nelson (1896-1997), notabilíssimo pediatra, autor do Textbook of Pediatrics, hoje na vigésima edição. Wilson ganhou de Nelson uma edição autografada do seu tratado.

Nelson, considerado o pai da Pediatria, se tornou amigo de Wilson a ponto de lhe emprestar dinheiro quando houve problemas com sua bolsa acadêmica. Deu-lhe um cheque em branco, dizendo que o saldo não era grande, mas estava à disposição de Wilson. Através da apresentação de Nelson, Wilson conheceu Susan Coons Dees (1909-2001), excepcional pediatra dedicada à Alergia e Imunologia. Wilson foi admitido no “Duke University Medical Center”, em Durham, na Carolina do Norte, trabalhando sob direção de Susan Dees, lá permanecendo de meado de 1958 a 1959. Foi aprovado em 1959 no Educational Council for Foreign Medical Graduates. De 1965 a 1967 retornou à Duke University, voltando a trabalhar sob a orientação de Susan Dees. Lá, Wilson foi colega de Rebecca Hatcher Buckley (1933) que foi sucessora de Susan Dees na Divisão da Alergia Pediátrica daquela Instituição. Rebecca chefiou a Divisão de Alergia Pediátrica e Imunologia de 1974 a 2003. No seu retorno a Belo Horizonte, Wilson montou

consultório junto com os colegas seguintes, todos formados pela Faculdade de Medicina da UFMG: Hugo Marques Gontijo (1947), Márcio Marcelo Oliveira de Lara Resende (1954), Marílio Ladeira Senna (1955) e José Eleutério de Azevedo (1958). Também exerceu a Pediatria no Hospital da Baleia (Fundação Benjamim Guimarães) de 1967 a 1971. Transferiu-se, então, para o Hospital Felício Rocho onde foi médico pediatra até seu falecimento, com um breve interregno (1992-1994) quando trabalhou na Fundação Sarah Kubitschek. A Residência Médica em Pediatria, chefiada por Wilson, formou dezenas de ilustres profissionais. Faleceu aos 82 anos, deixando a viúva Dona Natália Teixeira Rocha. O casal teve os seguintes filhos: Wilson Rocha Filho (alergista e pneumologista), Celma, Paulo e Márcio (falecido); os netos Lorena, Patrícia e Sara, Arthur, Sílvia, Victor, Ana Clara e João Paulo.

José Carlos Ribeiro Resende Alves **5 de fevereiro de 2010 (discurso no** **sepultamento do Wilson Rocha)**

Minhas amigas e meus amigos,

A viagem de Wilson Rocha provocou vários desfalques. Além da muito sentida perda na família, desfalcaram-se a Medicina Brasileira, o corpo médico do Hospital Felício Rocho e a mesa do Serpentário. Para os não iniciados, Serpentário é um conjunto de mesas da lanchonete do Hospital que recebe algumas cabeças coroadas da Medicina Mineira, na hora do almoço. Wilson sempre foi assíduo frequentador, quando alegrava nossas refeições com casos ocorridos em Bonfim do Paraopeba e outras paragens da Serra do Espinhaço. Tínhamos acessos de incontido riso ao ouvir histórias da Ponte Torta e da Procissão do Encontro.

Sempre tive com Wilson uma relação especial. Conheci-o na mesa de sinuca do Clube Umuarama, eu ainda acadêmico de Medicina, no início da década de 1960. Voltei a encontrá-lo em 1972, já no Felício Rocho, na Clínica de Pediatria, onde atendi a muitos de seus casos. Wilson frequentava ainda a sala da diretoria, cuja presidência era exercida por Rubens Resende Neves, meu tio afim. A conversa ficava engraçada quando os diretores Rubens e Tardieu Pereira, ambos notáveis contadores de histórias, recebiam Wilson. Os circunstantes se alegravam

com a verve e o fino humor dos três. Essas conversas eram sempre testemunhadas por Alda Iza Ferreira, excepcional secretária da Fundação Felice Rosso, exemplo de dedicação e fidelidade. Havia ainda um ponto de encontro no laboratório de Patologia Clínica, conduzido por Geraldo Lustosa Cabral e Márcio Augusto dos Santos, onde compareciam, frequentemente, Wilson Luiz Abrantes, Edson Moreira Alves, Fernando Elói de Almeida Filho, Geraldo Batista, João Batista Gusmão e quem lhes fala. Eventualmente aí estavam também Alonso Fávero Kopke, Eure Malvini Neves e Waldir de Almeida Ribas. Nesses encontros prevaleciam o bom-humor e o companheirismo.

Hoje chora a morte de Wilson toda uma geração de pediatras formada pelo mestre, onde se destacam Waldemar Henrique Fernal e Márcia Câmpora Parreiras, além de Wilson Rocha Filho e a neta Lorena.

Digna de imenso louvor é a atitude inquebrantável de Dona Natália, companheira de Wilson nos bons e maus momentos, em toda uma vida. A toda Família Rocha, nossa solidariedade e afeto. Saibam todos que a partida de Wilson nos deixa uma enorme saudade.

Falar de papai é tarefa difícil...

Difícil porque ele era um orador tão hábil e brilhante que não há como falar à altura. Difícil porque há tanto o que falar que o tempo e o léxico nem chegam perto de serem o suficiente. Posto que o texto não esteja à altura, vou então ser direto, conciso, simples e breve como ele gostaria.

Papai conseguia ser sério e alegre ao mesmo tempo. Ele sempre foi assim. Não me lembro de nenhum tema, assunto, tarefa ou empreitada que ele não tenha encarado com a mais absoluta seriedade, mas também não me lembro de nenhum tema, assunto tarefa ou empreitada para o qual ele não tivesse um comentário bem-humorado a respeito. Somos hoje uma família alegre e bem-humorada por herança genética e por convivência com ele. Na noite, após o enterro, ficamos até tarde conversando e lembrando-se de casos e passagens da vida dele. O ambiente era alegre, pois assim são as lembranças que ele nos deixou.

O que posso dizer de sua vida profissional? Fui um expectador externo, que escolheu profissão bem diversa, mas sempre percebi com clareza sua paixão e dedicação à medicina, às crianças, aos alunos. Sempre teve parcela considerável de clientes não pagantes. A medicina, para ele, era nobre demais para ser medida em cifrões. Sei, por conversas e notícias, que ele foi pioneiro em Minas Gerais em algumas especialidades. Sei que foi chamado de “mão santa” por clientes,

e nesses últimos dias ouvi, referindo-se a ele, a palavra “lenda”. Sei também que suas palestras em congressos eram concorridíssimas, na certa por unir informações técnicas de qualidade ao inseparável bom humor. Disseram-me que, frequentemente, em meio a slides médicos, surgia uma foto dele no meio da neve, e ele se apressava em explicar tratar-se do inverno em Bomfim do Paraopeba.

Sempre amou suas origens, sua terra. Sempre amou também os livros. Eu não entendia como conseguia ler tantos livros e artigos de medicina, como sempre o vi fazer até bem recentemente, e ainda encontrar tempo para a literatura. Tinha gosto eclético. Gostava de prosa e poesia, de escritores clássicos e modernos. Grande apreciador dos textos de Guimarães Rosa, provavelmente por retratar os Gerais com jeito tão mineiro. Quantas vezes o vi citar: “a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”, “viver é muito perigoso”, dentre outros.

Outra paixão era o Galo. Atleticano de primeira hora, frequentador dos jogos desde o tempo do campo da Olegário Maciel, nos ensinava a gritar Galo antes mesmo de falar papai. Nos mostrou como o sentimento, o prazer, o orgulho de ser atleticano é especial, inigualável e por isso mesmo incompreensível para outras torcidas. Na última sexta ouvi, com orgulho, que ele foi responsável por boa parte da atleticanidade de uma geração em Belo Horizonte.

Não posso finalizar sem falar do Wilson Rocha homem, marido, pai. Olhem, parece até coisa que filho fala e aumenta, mas não é: o amor vivido e nutrido entre o Wilson e a Natália foi coisa tão intensa, tão abnegada, tão incondicional, tão bonita, que eu mesmo por um bom tempo não acreditava: achava que tinha alguma coisa errada. Mas o amor deles era tudo isso sim e muito mais. Até o fim. Não dá nem pra explicar. Quem conviveu com eles sabe.

Como pai, posso dizer que foi reflexo do que era consigo mesmo: dedicado, severo, atencioso, alegre e com rígidos valores morais que ele incutiu em nós e que até hoje fazem com que eu me sinta certo, mas diferente da maior parte do mundo. O modelo, o exemplo que ele foi para nós, seus filhos, talvez seja sua maior herança. Sem escrúpulos de estar citando uma fala romântica de um filme famoso, ele me fez e me faz querer ser um homem melhor.

PAULO ROCHA, filho, em discurso na despedida do Dr. Wilson Rocha

Exportador de café

Em 1957, Wilson chegou a Nova Iorque, tentando se dirigir à Filadélfia, para o estágio na Temple University. Ia acompanhado de Natália, então grávida de sua filha Selma, e do garoto Wilson Filho. No balcão da Pan American foi informado de que chegara atrasado e perdera o voo de conexão. Moderadamente exaltado, explicou que chegara a Nova Iorque através de passagem comprada na Pan American, que previa conexão para a Pensilvânia e que quaisquer prejuízos advindos de qualquer atraso seriam cobrados da companhia aérea através de ação judicial. Explicou ainda que não era pato em migração e não viera voando. Por fim, disse que era brasileiro exportador de café e que se chegasse atrasado em Filadélfia perderia o negócio de milhões de dólares e que a indenização a ser paga pela Pan Am seria vultosa. Em menos de uma hora conseguiu embarcar para o estágio na Temple.

Gargalhada inconfundível

Wilson Rocha tinha um jeito especial de contar histórias. Narrava um caso hilariante e se mantinha sem rir, com o queixo levemente projetado para frente, observando as risadas dos circunstantes que se contorciam e perdiam o fôlego. Fazia lembrar o Paulo Silvino, só que muito mais engraçado. Wilson dizia que os comédicos profissionais se aproveitam de pessoas na plateia que têm riso fácil. O artista deve contar a história voltado para o risonho. Como exemplo, citava Mauro Becker Martins Vieira, otorrinolaringologista, frequentador habitual do Serpentário, que tem gargalhada inconfundível. Os ouvintes riem da piada e da gargalhada do Mauro Becker.

Quando contavam algo inacreditável, Wilson se expressava em inglês, com a maneira de falar de Bonfim do Paraopeba:

- *Ai begue ior párdon ! Ai donte belive !*

História de nordestino e japonês

Nordestino, chegando a São Paulo, procurou um hotel e perguntou ao porteiro como poderia arranjar uma mulher.

- Mulher não tem, mas o japonês do quarto 25 quebra o galho da moçada. Suba um lance da escada.

Outro hóspede, que se achava na portaria, horrorizou-se com o porteiro:

- No 25 mora o japonês, lutador de caratê. O arataca vai apanhar prá cacete.

Daí a pouco, ouviram-se barulhos de intensa luta, gritos e gemidos, móveis se quebrando. Hóspedes se juntaram no saguão e puderam ver o nordestino, descendo a escada, com a cara lambida, afivelando o cinto da calça e exclamando:

- O fedaputa do japonês estava se fazendo de difícil e não queria dar prá mim...

Burrice encantadora

Minha namorada era uma deusa. Mas era burra. De uma burrice encantadora. Depois do vamos-ver, ficava langorosa e dizia:

- Adoro ficar assim, nessa adolescência...

Levei-a à agência bancária onde eu trabalhava e apresentei-a ao meu colega Edson;

- Este é o Edson, inventor da lâmpada!

- Tão novinho assim e já inventou a lâmpada...

Era muito burra, mas tinha outras qualidades.

Prova de História

Prova oral de História, no ginásio, examinador meio surdo, e eu tentando soprar para o Clóvis a resposta certa da pergunta feita, que era “ciclo carolíngio”. Veio a resposta com todas as letras, em alto e bom som:

- Ciclo do galo índio!

Clóvis, na livraria, vendo o nome na lombada do livro, perguntou-me quem é esse tal de Freud.

- Não se diz Freud, diz-se Fróid, que é o nome de um psiquiatra alemão.

- Então o Freud é o tal de Fróid? Esse eu já conheço, e muito bem.

Rigor acadêmico

O mesmo Clóvis Diniz Pinto, colega de Wilson na Faculdade de Medicina, formado um ano depois, fazendo prova de Anatomia Patológica com Luigi Bogliolo, notável cientista italiano, naturalizado brasileiro, portador de sotaque carregado:

- Entón, fale-me sobre as glomerulonefrites!

- Não vou responder nada. A banca examinadora não está legalmente constituída. É necessária a presença de três examinadores. O senhor é estrangeiro e não conhece bem as leis do Brasil.

A prova foi marcada para o dia seguinte, com a banca formada pelos professores Nello de Moura Rangel, Edmundo Chapadeiro e pelo próprio Bogliolo. Esse se antecipou e disparou:

- Vamos ouvir o gênio, non? Primeiro ponto: hepatites.

- Não sei nada sobre o assunto.

- Segundo ponto: tumores do estômago.

- Não estudei nada sobre a matéria.

- Terceiro ponto: doenças da tireóide.

- Também não sei.

- Pronto. De nada adiantou adiar a prova. O senhor tirou zero!

- Zero, mas conferido por banca legalmente constituída!

Segundo Edson Moreira Alves, pediatra, frequentador do Serpentário, esta história é do repertório do outro Wilson, o Abrantes, grande *causeur* e eminente cirurgião. Mas o Rocha, frequentemente se apropriava de história dos outros e o fazia com grande qualidade.

Feira de Acari

Feira de Acari, Zona Norte do Rio de Janeiro, crioulo querendo vender patos presos num engradado telado de arame. Aproxima-se um alemão, desejando comprar tucano. Aponta para os patos e faz gestos com as mãos, que poderiam significar um animal menor. Usa mímica facial fazendo biquinho e faz movimentos dos dedos, indo e vindo tentando imitar um bico:

- Pequenas de bicas grande - diz o alemão com o falar engrolado.

- Pequeno, de pica grande, que eu conheça, só pode ser jumento.

Insatisfeito, não estando entendendo nada, o alemão perguntou:

- Mas, tem pena?

- Esse fedazunha desse bicho não tem pena nem da mãe dele!

Exclamações

Com a chegada do calor, as moças que frequentavam a lanchonete apareciam com decotes mais ousados e maior exposição de braços e pernas. A exclamação do Wilson era divertidíssima: - Esse verão promete ...

Ao passar moça bonita e sensual, Wilson exclamava: - Se ela gostasse de pinto mole, poderia levá-la à loucura

Gansos canadenses

Congresso Brasileiro de Pediatria, numa das capitais do Sul do país. Wilson funcionava como moderador de mesa-redonda sobre doenças respiratórias. Um convidado estrangeiro, professor italiano, fluente em inglês, explicou que a tosse da criança, em determinada doença, se assemelhava ao grasnar de um ganso canadense em migração. O professor se sentou à mesa e Wilson tomou a palavra. Também em inglês, que dominava bem em virtude dos anos passados nos USA, o moderador argumentou com o italiano que o Brasil, embora imenso, não apresentava migração de gansos canadenses. Que ele, Wilson, na sua infância em Bonfim do Paraopeba, já tinha ouvido patos e marrecos mas nunca ouvira um ganso canadense. Assim, para melhor clareza da exposição, tendo em vista que a totalidade dos presentes provavelmente nunca ouvira um ganso canadense, solicitou, na

maior cara-de-pau, que o professor voltasse à tribuna e reproduzisse o grasnar do anatídeo. Meio cabreiro, o italiano saiu da mesa central, subiu à tribuna e soltou um: - “Quack”. A plateia foi ao delírio.

Tratamento de meningite

Jornada de Pediatria em importante cidade no Sul de Minas. Wilson falaria sobre asma na infância. Na mesa central do auditório repleto, sentou-se, ao seu lado, um professor doutor de Pediatria de importante universidade do Rio de Janeiro. O professor falou sobre “Meningites na infância”. Fez sua exposição assentado, sem levantar a cabeça, com uma “cola” da palestra pregada na calça. Wilson previu que as coisas não acabariam bem. Levantou-se um dos participantes do auditório, calçado com botinas, vestido com calças de riscado e camisa quadriculada, nos trajes de um habitante rural da região. Polidamente, fez ver ao palestrante que o antibiótico recomendado não ultrapassava a barreira hematoencefálica, sendo inadequado para tratamento de meningites. Discordou dos sintomas apontados como importantes num determinado quadro clínico. Em suma, com três observações desmontou a conferência do professor doutor. Esse, enfim, levantou-se, enfurecido.

Disse que era docente de importante universidade, que viera do Rio de Janeiro e que não admitia ter seus conhecimentos contestados por médico do Interior de Minas. Fez-se silêncio

profundo e o senhor da camisa quadriculada disse, calmamente, que a crítica que fizera era científica e não pessoal. Explicou que ele também não morava no Sul de Minas, onde nascera e tinha suas origens e estava de passagem, em visita a parentes. Vira o anúncio da palestra e se interessara, porque o estudo de meningites era da sua área de atuação. Para espanto da plateia, declinou seu nome e sua atividade: “Professor de Neuropediatria da Columbia University, New York”. Wilson comentava que, em eventos científicos, foi a cena mais constrangedora que jamais assistira.

Impasse

Quando havia situação política delicada, com dois lados querendo coisas opostas, e surgia a palavra “impasse”, Wilson contava a história que se segue:

- Estava o jumento possuído por jumentina tesão, quando vislumbrou, no meio do capim alto, um traseiro arredondado que julgou ser de uma égua. Chegou de mansinho, já com a ferramenta em riste, e mandou ver. Não era uma égua, era um burro. Pego de surpresa, o muar gemeu e trancou a rosca, ficando os dois engatados. Sentindo-se aprisionado, o jumento pensou: - “Vou esperar o burro afrouxar o jiló, para que eu possa vazar, rachar fora”. O burro olhou para trás e viu ainda meio metro de pica que poderia entrar. Trancou ainda mais o lorto. Mantendo-se a posição engatada, deu-se o impasse.

Galinhas de São Pedro

Importante cirurgião do Hospital Felício Rocho procurou Rubens Resende Neves, diretor da Instituição, solicitando a compra de um determinado aparelho, que substituiria outro mais antigo, meio sucateado. Acontece que o novo equipamento era muito caro. Estando a Fundação com o caixa baixo, Rubens convidou o médico a se sentar, pediu cafezinho para dois e perguntou ao cirurgião se ele conhecia a história das galinhas de São Pedro:

- “No céu, as galinhas se reuniram e foram ao Criador, dizendo-se fartas de tomarem no cu e solicitando uma xoxota, em separado, para as relações amorosas. São Pedro foi chamado e enviado ao almoxarifado do céu, à procura de xanas que pudessem ser adaptadas às galinhas. O santo voltou desolado, dizendo que, por enquanto, não havia xoxotas disponíveis. Deus Pai se voltou para as penosas e disse: “Tendo em vista a falta do equipamento solicitado, o jeito é vocês continuarem tomando no cu mesmo!”

O cirurgião, cabreiro, levantou-se e saiu da presença de Rubens. Wilson, quando se deparava com situações em que tinha que negar alguma coisa, recorria à história das galinhas, o que fazia com sua graça habitual.

Caetano da Mumbeca

Caetano da Mumbeca, contemporâneo de Wilson em Bonfim do Paraopeba, não era inteligente e se atrapalhava com as incumbências que recebia. O Dr. Waldemiro, pai de Wilson, certa vez pediu ao Caetano que tomasse algumas providências no “comércio” bonfinense: - “Leve esse balaio na venda de Fulano, devolva esse objeto a Sicrano, vá ao barbeiro e pague o que devo...”. Caetano observou: - Dr. Altamiro, minha cabeça não guarda esse tantão de coisas. Posso fazer tudo que o senhor pediu, mas só posso cumprir uma ordem de cada vez. Primeiro vou lá e faço isso. Depois volto aqui e o senhor me dá outra ordem. Quando alguém não primava pela inteligência, Wilson exclamava: “Esse é pior que o Caetano da Mumbeca”.

Vaselina

Arlindo da Mé, companheiro de Wilson na adolescência, estando iniciando sua vida sexual, andava com uma latinha de vaselina no bolso. - Que que é isso, Arlindo. Latinha de vaselina? - Nunca se sabe. Posso encontrar alguém querendo *mim dar!*

Trejeitos

Wilson soube que renomado psiquiatra participaria de uma certa excursão, em ônibus. Como o psiquiatra tinha certos trejeitos, Wilson observou que o referido médico fazia a viagem fazendo crochê e distribuindo receitas de bons-bocados de mandioca...

Escala Bitcher

Wilson fazendo seleção de residentes para a Clínica de Pediatria do Hospital Felício Rocho, fazia perguntas de ordem geral. Dizia que não perguntava sobre preferências sexuais de candidatos porque, embora não tivesse quaisquer restrições a homossexuais, tinha no cérebro um bichômetro que media a homossexualidade do candidato na Escala Bichter!

Fruta do mar

Criança alérgica, pais simples do Interior e Wilson alertando sobre perigos da ingestão de frutos do mar. O pai então observou: - “E eu, seu doutor, que nunca soube que o mar dava fruta...”

Tamanho de ferramentas

E a ferramenta do referido era grande?

- Um palmo e meio, fora o “vermeio”!

Ou então: - Um palmo e tanto, fora o espanto!

E ainda: - Parecia uma garrafa de Malzbier!

Ou: - Duas latas de Skol emendadas com uma cabeça de gato na ponta!

Metáfora

Fórum de Bonfim, processo que envolvia atentado violento ao pudor. O depoente afirmou - “Vi a hora certa em que o Fulano passava a vara na Beltrana”. O juiz interrompeu o depoimento e explicou que a expressão “passar a vara” era chula e inadequada. A testemunha deveria falar por metáforas. O promotor voltou a inquirir o depoente: - O que o senhor viu? - “Vi a hora em que Fulano passava a metáfora na Beltrana”.

Hélio Fábio

Wilson, querendo gozar a cara do Hélio Fábio Teixeira Santos, proctologista e coronel da Polícia Militar, afirmou-lhe que sua vida sexual estava monótona, e que só conseguia tirar quatro todo dia... Hélio respondeu, filosoficamente: - “O cu é seu, use-o como lhe aprouver”.

Ainda sobre o Hélio Fábio, Wilson espalhava que ele era pessoa temível, pois tinha no consultório o retossigmoidoscópio de Pitanga Santos, aparelho que, pelo calibre, romperia a prega-rainha de qualquer um.

Pneumotórax

Wilson, chegado a Belo Horizonte, vindo de Bonfim do Paraopeba, sentiu fortes dores no tórax acompanhadas de dificuldade respiratória. Recebeu a visita domiciliar do Doutor Santa Rosa, de terno e gravata, com maleta de médico que tinha até termômetro de Casella, que era o máximo para a época.

Foi exaustivamente examinado. O doutor diagnosticou pneumotórax hipertensivo. Ferveu no estojo, com álcool inflamado, uma seringa de vidro com agulha grossa. Ao espetar a agulha no tórax de Wilson, a pressão do pneumotórax fez lançar o êmbolo da seringa de vidro que se quebrou na parede. Wilson relatava que a dor e a dificuldade respiratória cederam, imediatamente. O tratamento foi exclusivamente domiciliar, sem exames

complementares, com posterior acompanhamento em consultório. O pneumotórax não se refez. Wilson contava esse caso para valorizar a importância do exame clínico.

Cargo de direção

No final do curso médico, Wilson morava no Hospital Municipal, próximo à Lagoinha, tradicional bairro boêmio de BH. Atendia às moradoras de certa pensão de mulheres, da Rua Mariana. Certa vez, a cafetina teve que viajar. Chamou Wilson e as garotas, determinando que em sua ausência, qualquer problema teria que ser levado ao Doutor Wilson. Esse alardeava que fora o primeiro cargo de direção que exercera, aliás, com notável competência.

Caso do turco bem-dotado

Wilson contava que uma cliente, de compleição franzina, delicada, queixava-se de sua vida conjugal, especialmente no que se referia às relações sexuais. Casara-se sem qualquer experiência amorosa, virgem, com um turco enorme. Na noite de núpcias, a recém-casada se vestira com uma camisola transparente e se reclinara no leito, esperando o marido. Eis que surge o turco, saindo do banheiro, pelado e de arma em riste.

- O que aconteceu, então? – perguntou Wilson.
- Doutor... Foi caco de boceta prá todo lado!

Vida sexual dos idosos

Quando Wilson fez setenta anos, ganhou dos filhos um livro, ricamente encadernado. Na lombada, havia os dizeres - “Vida sexual após os setenta anos”. Contava no Serpentário, com bom-humor, que todas as páginas do livro estavam em branco.

Invasões internacionais

Observação de Wilson, sobre a invasão do Iraque: - “Sou contra invasão de um país pelo outro. O máximo que admitiria seria a invasão da Chechênia, pelo Peru... Em situações adversas, o Peru ainda poderia invadir o Butão”...

Posição sexual

De todas as posições sexuais, a mais interessante é o “picilone duplo”.

Ponte torta

Na entrada de Bonfim do Paraopeba, sobre o Ribeirão das Águas Claras, existia a “Ponte Torta”. Segundo Wilson, o fato de a ponte ser torta foi tido como grande vantagem, no caso dos alemães, na Segunda Guerra, desejarem invadir Bonfim. Segundo os habitantes mais atrasados, as tropas não conseguiriam fazer a curva da ponte. Havia, ainda, a crença que efeminado não conseguia atravessar a Ponte Torta.

Horário de verão

Em 1931, no Governo Getúlio Vargas, surgiu o “horário de verão” no Brasil. O vigário de Bonfim fez um sermão dizendo que o povo deveria seguir o horário de Deus, e não do governo. Proibiu que se adiantasse o relógio da matriz. Enquanto o referido padre foi vigário, nunca houve na cidade o horário de verão.

Prova da existência do capeta

Wilson se queixava de que, quando preparava uma palestra, fazia “slides” em cores, que eram escritos pelo próprio, revisados várias vezes, montados nas molduras e colocados num carrossel. Testava a aula numa apresentação prévia e os “slides” estavam perfeitos. No dia da apresentação, reparava que havia erros de ortografia e sintaxe. Afirmava que esse fato era prova insofismável da existência do capeta.

Zoofilia e fitofilia

Tendo ido morar nos USA, para fazer especialização em Pediatria na Duke University, na Carolina do Norte, Wilson se tornou grande amigo de Pete McKay, colega na residência médica. A amizade perdurou por toda vida de Wilson. McKay era da “nobreza” do Sul, criado em rígidos princípios morais. Tendo se aposentado como pediatra, foi dirigir um banco da família. Wilson inventava episódios se sua adolescência, quando “namorava” uma eguinha de olhos lânguidos. Pete se assombrava com a narrativa, censurando ao amigo pela conduta, chamando-o de zoófilo. Wilson levava na gozação a reprimenda do amigo e dizia que além de zoófilo tinha sido ainda fitófilo. Além de animais, usava vegetais, como um furo num tronco de bananeira. Para total espanto do puritano amigo, explicou que melancia, colocada ao sol para se aquecer, uma vez furada com um canivete, se transformava em apetitosa parceira...

Pasta rosa

Em dezembro de 1995, estourou o “Escândalo da Pasta Rosa”, que consistiu na divulgação de 25 nomes de políticos que teriam recebido doação ilegal de 2,4 milhões de dólares do Banco Econômico, de Ângelo Calmon de Sá. Os nomes estavam em uma pasta rosa, que foi encontrada nas dependências do Banco Econômico, pelo interventor nomeado pelo Banco Central. Naquela época, Wilson passou a ir para o Hospital Felício Rocho, munido de uma pasta rosa que não abria para ninguém. Afirmava que a pasta continha a ficha de cada um dos dezoito gays não-assumidos que havia identificado com o auxílio do Hélio do Raio X, técnico em Radiologia, homossexual assumidíssimo, querido de todos. Encontrando-se com gastroenterologista ilustre, foi perguntado acerca do conteúdo da pasta. Para grande espanto do colega, afirmou ter identificado dezoito gays no Felício Rocho, e que o inquérito sequer havia abrangido a Clínica de Gastroenterologia, onde esperava identificar mais alguns...

Diálogo com Apparício

Apparício Silva de Assis, professor de Urologia da UFMG, não tinha papas na língua. Como se diz, chutava para cima da medalhinha. Era grande amigo de Wilson que testemunhou, no Umuarama Club, episódio constrangedor. Numa roda de médicos, que incluía Apparício, imperava o bom-humor, com gozações, piadas e casos engraçados. Eis que surgiu um outro colega, que interpelou o urologista de forma agressiva:

- Soube que você andou dizendo que eu não procedi bem naquela situação!

Apparício negou a acusação, que voltou a ser formulada de forma mais agressiva ainda, com o intuito de intimidar o urologista.

- Eu tenho provas!

O acusado continuou negando o fato. Ao iniciar uma terceira reprimenda, o chato foi interrompido pelo Apparício:

- Realmente, eu me referi a você a respeito daquele episódio. Mas nunca afirmei que você não procedera bem. Disse, sim, que você é desonesto, desprezível, sem qualquer vestígio de honra ou de caráter!

O agressivo mudou de atitude e se afastou murmurando:

- Assim, não há diálogo!

Wilson relatava que a roda de médicos continuou na gozação, incluindo o fato ridículo recém-acontecido.

Relação médico-paciente

Apparício cuidava profissionalmente de um italiano, dono de hotel, durante muitos anos. Tendo em vista o linguajar desabrido de ambos, havia discussões agressivas entre eles, frequentemente testemunhadas por familiares do paciente. Certa ocasião, a discussão passou dos limites e a filha do italiano disse que havia marcado consulta com outro urologista, que era inadmissível aquela relação profissional.

- Non vá marcar consulta com ninguém. Meu médico é Dottore Apparício. Vivo muito bem graças a ele. Quanto às discussões, ele dá um coice prá cá, eu dou um coice prá lá...

Cartão de imigração

Wilson era moreno, eventualmente chamado de preto ou crioulo. Achava graça da situação e se dizia orgulhoso de seu sangue negro. Entre Apparício e Wilson havia uma pinimba, pelo fato de um ser de Bonfim do Paraopeba e o outro de Santana do Jacaré, ambos municípios do Estado de Minas Gerais, relativamente próximos, que cultivam a tradição do “Carnaval a Cavalo”, com guerras simuladas entre mouros e cristãos. Quando Wilson se preparava para ir aos USA pela primeira vez, ainda prevalecia a discriminação racial, com banheiros, condução e restaurantes designados aos pretos. Apparício, que passara vários anos nos USA se especializando, atormentava Wilson, dizendo que ele seria destinado às instalações para negros. Wilson retrucava dizendo que se ele era considerado branco no Brasil, o mesmo ocorreria nos USA. Ao passar pela imigração americana, Wilson dizia ter sido atendido por um “redneck”, caipira do Sul de pele muito clara. O “redneck” examinou seus cabelos e escreveu no item “hair” a palavra “black”. Olhando para seus olhos, escreveu “brown”. No cartão entregue pelo “redneck” constava a cor de Wilson: - “white”. Esse mandou fazer uma cópia xérox do cartão de imigrante e a encaminhou pelo correio a Apparício. O fato deu origem a uma amistosa gozação entre ambos, que durou por muitos anos.

Soprador de alpiste

Wilson já era maduro e alguns colegas instavam com ele para que praticasse algum exercício físico. Durante algum tempo, fez hidrogenástica. Posteriormente, resolveu que não faria qualquer exercício, porque se sentia cansado.

- Estou igual a cachorro velho, de fazenda. Você já viu cachorro velho correndo? Quando você chega, ele está deitado, cochilando, e assim permanece. O máximo que faz é abrir um olho sonolento, resmungar e voltar a fechar o olho, retornando ao cochilo. Quero ser contratado como soprador de alpiste...

- Que ofício será esse?

- Em Bonfim do Paraopeba, quando um qualquer se aposenta, passa a ser chamado de soprador de alpiste. Duas ou três vezes ao dia, vai às gaiolas de passarinhos, remove os cochinhos e sopra-os, para retirar as cascas de alpiste que já foi comido...

Era a aspiração de uma velhice tranquila, muito merecida, especialmente pela alegria que levou aos lugares que frequentou.

Cataputa

Certa época, Wilson dizia estar trabalhando num invento que desejava patentear, para vender para motéis. Tratava-se da cataputa, que era um alçapão adaptado à cama redonda, munido de um sistema propulsor baseado em uma mola. Note-se que a geringonça se chamava cataputa e não catapulta. Após as atividades do casal, estando a parceira falando muito, o parceiro apertaria um botão. O alçapão se abriria e capturaria a parceira, num túnel de vento, que a levaria para fora do estabelecimento, poupando o parceiro de ouvir a penosa lenga-lenga que sucede as atividades amorosas de um casal. Wilson fez muito alarde a respeito da cataputa, invento que proporcionou prolongados comentários jocosos na mesa do Serpentário. Dizem que esta história é do Paulo Francis. Wilson a contava como se fosse dele.

Futebol de várzea

Indo morar em Belo Horizonte, Wilson quis jogar futebol de várzea. Andou participando de alguns jogos. Certa feita, estava jogando num campo situado num morro, com um barranco de terra fofa que descia de uma das linhas laterais. Wilson estava escalado no time visitante. A plateia ficava junto à beirada do campo. Wilson driblou um adversário grandão e conduziu a bola. Ouviu um tropel atrás de si, produzido pelo adversário driblado. Ouviu ainda um torcedor gritar: - “Pula na espinha dele! Wilson abandonou a bola e desceu pelo barranco, desertando. Exclamava, com cara marota: - Várzea, nunca mais!

Orgasmo

Um casal, já maduro, procurou um especialista em sexologia para receber orientações. O médico separou o casal, admitindo o marido no consultório e deixando a mulher na sala de espera. Após algumas perguntas, o especialista perguntou ao cliente:

- Sua mulher tem orgasmo?

- Heim?

- Orgasmo.

- O senhor tenha a bondade de esperar um pouco.

Levantou-se, abriu a porta do consultório que dava para a sala de espera repleta e perguntou:

- Ei mulher! Nós temos orgasmo ou Unimed?

Boca de cauã

Wilson tinha os dentes tortos, com uma articulação dentária defeituosa. Quando a mãe de uma criança se queixava, durante a consulta, que o filho não estava escovando os dentes, Wilson fazia uma careta e expunha os dentes desalinhados:

- Se você não escovar dentes pode ficar com a boca igual a minha!

Depois, dava uma risada, brincando com o menino, mas incentivando-o à escovação.

Já maduro, Wilson procurou um ortodontista para tentar melhorar a articulação dentária. Comentou, no Serpentário, que o dentista tinha sido muito infeliz em sua franqueza:

- Não vou fazer o trabalho. É difícil, caro e o senhor vai aproveitá-lo por pouco tempo.

Dizia:

- O dentista está certo. Mas podia ter dado uma aliviada e não vir falando com “boca de cauã”.

Acauã, ou cauã, é uma ave de rapina da família *Falconidae*, comum em todo o Brasil. O casal costuma cantar em dueto, com as aves relativamente afastadas. Tem fama de ave agourenta, que traz má sorte. Certo dia, Wilson comentou no Serpentário que tinha se encontrado com um eminente professor de Medicina, já idoso, em uma reunião

de família. Disse ter ficado impressionado com o vigor e a prosa animada do grande médico. Cerca de três dias depois, o médico teve morte súbita. Wilson comentou que parecia que ele estivesse ficando com “boca de cauã”...

Leitoa no motel

Num domingo, companheiro do Wilson em visita a amigo em fazendola nos arredores de Belo Horizonte, foi presenteado com uma leitoa viva. Como o carro do presenteado fosse de luxo, o amigo lhe ofereceu velha camionete sem placas, chassi adulterado, sem documentos, que fazia serviços de carroça e trator na propriedade rural. Como na chegada a BH costumava ter polícia, a camionete deveria sair da rodovia e ir progredindo em estradas vicinais, fugindo da fiscalização. No início da viagem tudo correu bem. Mas, logo, a leitoa se soltou na carroceria. O amigo do Wilson parou o veículo e amarrou a leitoa na boleia. Na região dos motéis, havia uma blitz. Num reflexo, o condutor parou na portaria de um motel. O porteiro, querendo se ver livre de tão estranho casal, disse que só havia vaga suíte de luxo. O motorista concordou. No apartamento, resolveu dar um banho na bicha, porque o mau cheiro era intenso. Soltou leitoa na banheira de hidromassagem. A porquinha se assustou e começou a grunhir, ensaboada, ensejando um pega-prá-capar que motivou a batida do funcionário à porta do apartamento.

- O senhor está precisando de alguma coisa?

-Se a polícia não foi embora, traga filé com fritas.

-E para a acompanhante?

- Um pouco de lavagem.

O garçom, espiando pela portinhola, murmurou:

- Bem que me avisaram que havia um tarado no motel. E, pelo visto, a leitoa deve ser “dimenor”.

Vai explodir!

Os doentes juntaram as trouxas e saíram correndo da enfermaria, na hora em que uma mangueira se despreendeu da bala de oxigênio, fazendo um chiado e um gaiato gritou: - “Vai explodir”. Um paraplégico comentou: - “Corro hoje muito mais com as mãos do que corria, em outros tempos, com as pernas.

Choque anafilático

O assunto era alergia a látex. Wilson contou a história (certamente inventada), que a moça, subitamente, passou a fazer ruídos estranhos durante o ato sexual.

- Está gozando, meu amor?

- Gozando nada! Estou tendo um choque anafilático pelo látex da camisinha.

Procissão do Encontro

A Procissão do Encontro é uma tradicional cerimônia católica, na qual se relembra o encontro de Maria (das Dores) com Cristo (Senhor dos Passos). Habitualmente, é celebrada na tarde-noite da quarta-feira da Semana Santa. Em várias cidades, há uma procissão de mulheres, cujas figuras principais são Maria, Verônica e Maria Madalena.

Uma procissão é formada por homens levando Cristo, açoitado por soldados romanos e carregando a cruz. Ao se dar o encontro entre Cristo flagelado e sua mãe, o padre dirige uma dramatização, pregando o “Sermão das Sete Palavras”. Verônica enxuga a face do supliciado com um pano, que fica marcado com a figura de seu rosto, banhado em sangue e interpreta um cântico tradicional. Certa feita, em Bonfim do Paraopeba, a Procissão do Encontro teve características especiais, narradas pelo Wilson de forma hilariante, que sempre provocava risos incontidos nos ouvintes. Os fatos, parece, aconteceram em Diamantina e fazem parte do folclore mineiro. Wilson inventava umas partes, adaptava outras e jurava que tudo ocorrera em Bonfim do Paraopeba. Pegaram para Cristo um conhecido manguaceiro, colocaram-lhe uma coroa de espinhos e uma tanga, pintaram de vermelho sua pele, para imitar ferimentos. “O Cristo” era franzino, desnutrido e feioso. Amarraram-lhe nas costas uma cruz de pita, madeira muito leve que, somada

ao pequeno peso do infeliz, facilitava o transporte do conjunto num andor, acima das cabeças da multidão. A instabilidade do andor levou “O Cristo” a murmurar: “Esta merda vai cair”. A procissão ia pelo centro da rua. “Cristo” viu uma goiabeira se projetando acima de um muro, com uma penca de apetitosas goiabas. Meio ressaqueado, imaginou que seria uma boa comer umas frutas. Gritou a plenos pulmões: - “Béra o muro”. A procissão fez uma graciosa curva, abeirando-se do muro. “Cristo” colheu as goiabas e começou a comê-las. Um menino pretinho gritou: - “Olha Jesus Cristo comendo goiaba”. Fechando as goiabas nas mãos, “Cristo” mandou uma banana para o menino, exclamando: - “Aqui procê, tiziu.” Num dos Passos, a procissão parou. O Centurião tinha uma lança de bambu, para levar fel, numa esponja, à boca do supliciado, na cerimônia de crucificação. Espetou a lança numa esponja com cachaça e a levou à boca de “Cristo”, que chupou a esponja até secá-la. Estando a esponja seca, “Cristo” passou a gritar: - “Fel, mais fel”.

Aguaceiro e futebol

Wilson Rocha Filho, atleticano fanático, acompanha o Galo por todo o Brasil. Certa feita, Wilson Filho foi assistir a um jogo do Atlético em São Caetano, pelo Campeonato Nacional. A partida foi disputada sob forte aguaceiro que caiu sobre o ABC Paulista, com enchentes e transtornos. Na mesa do Serpentário, Wilson foi inquirido sobre a viagem do filho. Respondeu:

- Tomou tanta água que tive que interná-lo para lhe aplicar Lasix na veia.

Internação em CTI

Paulo Donnabella, cirurgião plástico do Hospital Felício Rocho, era companheiro de Wilson desde os tempos da Faculdade de Medicina. Formavam uma roda de pôquer semanal, encontros esses que duraram décadas, em que os parceiros se revezavam recebendo os colegas em suas casas. Paulo Donnabella veio a falecer após longa internação no Felício Rocho. Após a morte de Paulo, Wilson teve que ser internado no CTI do Hospital, sob os cuidados de João Batista Gusmão. À noite, ficou agitado, com alucinações. Vendo a agitação do pai, Wilson Filho chamou por Gusmão. Wilson disse que queria ter alta do CTI, que não aguentava mais, e que até o Paulo Donnabella tinha aparecido na porta do box da unidade de internação, fazendo um gesto com a mão, chamando-o.

- E como o senhor o tratou?

-Também lhe fiz um gesto. Mandei-lhe uma solene banana.

Asma e homeopatia

Congresso Brasileiro de Pediatria, auditório à cunha, mesa sobre alergia respiratória. Wilson participava como moderador. Veio uma pergunta da plateia, por escrito, dirigida a Wilson, indagando o que ele achava da Homeopatia, no tratamento da asma brônquica. - “Falta-me experiência na observação de casos tratados pelo homeopata, mas acho que aqueles pacientes que melhoram com Homeopatia são os mesmos que melhoram espontaneamente, com o passar do tempo”. Veio um bilhete apócrifo do auditório, dizendo que a opinião de Wilson mostrava sua ignorância. O moderador não se perturbou: - “Vejo que o autor da observação, embora não possa identificá-lo, demonstra grande perspicácia e logo percebeu que sou ignorante. O fato de ser ignorante me permite aprender, o que faço a toda hora. Quando surgiu a primeira pergunta, sobre Homeopatia, disse que não tinha experiência. Enganei-me. Tenho vasta experiência em atender clientes de médicos homeopatas, em “*status asthmaticus*”, com grave risco de vida, internados em regime de emergência, em fins de semana. Sugiro que os homeopatas se unam e formem prontos-socorros para atendimento de urgência de seus pacientes”. Os aplausos foram demorados.

Olhos miudinhos e fala baixa

Wilson, com sua franqueza, admoestava um pai que impedia determinado tratamento em uma criança. Wilson elevou a voz: – O senhor não pode recusar o tratamento que estou propondo para seu filho!

O pai começou a falar baixinho, de maneira muito calma:

– O senhor está dizendo que eu não tenho o direito de escolher o tratamento que julgue mais adequado para a criança?

Wilson olhou para os olhos do pai. Demonstravam controle da situação, estavam apertadinhos e fixos no médico. Wilson se lembrou de seu pai dentista, Dr. Waldemiro Rocha:

– “Numa discussão, se o seu contendor passa a falar baixinho, com os olhinhos apertados, saia fora porque pode sair tiro ou facada”.

Wilson desconversou, pediu desculpas ao pai do paciente e saiu da sala, deixando o genitor decidir o destino do filho:

– O conselho do Dr. Waldemiro pode ter salvado minha vida...

Dentadura

Tempo de estudante, imediações da Faculdade de Medicina, via pública e Wilson tentava beijar a namorada de ocasião, quando essa começou a passar mal. Wilson ficou apavorado, até descobrir que a amada estava se engasgando com a dentadura...

Teníase

As parasitoses intestinais, especialmente as teníases, ainda careciam de tratamentos eficazes. Wilson se dirigiu ao pai de uma criança desnutrida:

- Esse menino não deve comer nada!
- Engano seu, doutor. O menino come como frade. O problema é a lombriga, uma tênia de três cabeças que meu filho tem na entrada das tripas.

Livro do Sarney

O livro de José Sarney, “Marimbondos de fogo”, foi traduzido em Portugal com o nome de “Vespas embriagadas”.

Empréstimo a mau pagador

Wilson fora bancário e conhecia histórias daquele ambiente. Contava um caso do Magalhães Pinto, futuro deputado, governador de Minas, senador e ministro. O homem era supersticioso. Nos primeiros tempos do Banco Nacional, Magalhães ouvia, à distância, um gerente negar crédito, a certo cliente, que primava por não ser bom pagador. O cliente se enfureceu e desabafou:

- Quero que o dono deste banco tenha um câncer de fígado! Magalhães chamou o gerente e falou:

- Pode emprestar o dinheiro.

O gerente quis discordar:

- Mas doutor, o homem não paga...

Magalhães finalizou:

- Esse negócio de câncer, a gente não chama e ele aparece. É melhor emprestar, pois o cliente está chamando o bicho para mim. Já estou sentindo até uma pontada do lado!

Operação de fimose

Foram alguns acadêmicos operar certo infeliz, na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Tratava-se de uma postectomia, operação destinada a corrigir uma fimose. Infiltraram o pênis do paciente com anestésico local. A anestesia não fez efeito. Logo no início da operação o moço começou a gritar. Um dos “cirurgiões”, metido a falar inglês, tentando interromper o ato cirúrgico, comentou:

- *“He is complaining too much”.*

- Nos meus “tumates” ninguém vai mexer!

O crioulo pulou da mesa de cirurgia e sumiu no mundo, gritando:

- Nos meus “tumates” ninguém mexe!

Rinite alérgica fatal

Em reunião científica sobre alergia respiratória, Wilson foi perguntado se rinite alérgica poderia ser forte a ponto de matar o paciente. Estabeleceu-se o diálogo:

- Rinite alérgica pode matar?

- Só conheço um caso em que rinite alérgica matou. O incauto se escondeu no armário mofado e espirrou na hora em que o marido traído chegou à casa.

Que descarga!

O japonês era sobrevivente da tragédia de Hiroshima e perambulava pelo manicômio repetindo: - “Que descarga, que descarga!”. Os psiquiatras estudaram profundamente o caso e ficaram sabendo que o japonês havia acabado de puxar a cordinha da privada no justo momento em que explodiu a bomba atômica, razão de sua demência e sua estupefação: - “Que descarga, que descarga”.

Cheque sem fundos

Wilson trabalhava em banco e presenciou fato hilariante que contava com sua graça costumeira. Determinado cliente, trambiqueiro e mau-pagador, emitiu cheque sem fundo. O destinatário do vultoso cheque se apresentou à boca do caixa, para receber o dinheiro. Não havia fundos. O credor perguntou ao caixa quanto havia na conta do emitente. Como naqueles tempos o sigilo bancário era menos fiscalizado que hoje, o caixa informou:

- Faltou pouco para o cheque ser bom!

- Quanto falta?

- Tantos mil-reis.

- Não tem problema. Eu deposito, em dinheiro, na conta do emitente, os mil-reis faltantes e saco o cheque no valor integral.

O caixa aprovou a operação e o dinheiro foi sacado.

No dia seguinte, o trambiqueiro foi ao banco e solicitou sua cartolina, ficha que existia na época e que mostrava o movimento de cada conta.

- Aquele cheque não tinha fundos, como ele foi pago?

- O sacador depositou o dinheiro que faltava e sacou o cheque.

O trambiqueiro balançou a cabeça e exclamou:

- Vou procurar o fulano. Ele serve para ser meu sócio!

Batida “motor de arranque”

Wilson propalava as virtudes de uma bebida afrodisíaca, de sua invenção, que afirmava só pudesse ser bebida em pequenas quantidades, para não provocar priapismo. Eis a receita:

Batida motor de arranque:

Extrato etéreo de feto macho - 25ml

Látex de mamão macho - 50ml

Creme de amendoim - 50ml

Creme de ovos de codorna (meia dúzia) - 50ml

Extrato fluido de catuaba - 200ml

Conhaque São João da Barra (safra 69) - 600ml

Tomar apenas um cálice uma hora antes.

(O autor tem a receita datilografada, com anotações do próprio inventor)

Adivinha

Wilson propôs na mesa do Serpentário, em 1998, a seguinte adivinha:

“Nasceu nu,

Morreu pelado,

Filho de patos,

Morreu afogado”.

Ninguém da mesa conseguiu adivinhar quem teria sido a personagem. Wilson explicou que se tratava de Olegário Maciel, governador de Minas Gerais, que fora encontrado morto, em 1933, numa banheira do Palácio da Liberdade. Wilson não sabia a autoria da adivinha. Na verdade, Olegário Dias Maciel não era natural de Patos de Minas. Nasceu em Bom Despacho, MG, em 1855 e exercera o cargo de juiz de paz em Santo Antônio de Patos, atual Patos de Minas.

Conselhos sobre masculinidade

Wilson fazia constantemente molecagens com o autor, que é definitivamente espada ou *straight*. Vivia me sacaneando, duvidando da minha masculinidade, mandando-me conselhos para não ser vítima do “vírus de bruços”, que ataca pela retaguarda. Tenho relação de conselhos, com a letra do Wilson. Não posso citar todos os conselhos, pois alguns envolvem figuras conhecidas. Vamos a alguns:

- Não visite o estado de Mato Grosso, nem as cidades de Ponta Grossa, Três Pontas, Rolândia, Pau Grande ou Morro do Ferro. Evite a todo o custo ir a San Francisco, California, USA;
- Não compre pôster do Stalone;
- Evite ecologistas.

Amizade segundo Guimarães Rosa

Tenho citação do Guimarães Rosa, autografada pelo Wilson:

“Amigo para mim, é diferente. Não é um ajuste de um prestar serviço ao outro, e receber, e saírem por este mundo barganhando ajuda. Amigo para mim é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Ou amigo é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porque é que é... Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas”.

Estudo na velhice

– Não estudo mais. O que eu sei serve para mais de cinco anos, quando irei me aposentar.

Vocação para corno

Quando um casal se mostrava desigual, com a mulher apresentando atributos físicos notáveis e o marido nem tanto, Wilson comentava que aquilo poderia resultar em chifre, ingressando o marido na Confraria de São Cornélio, disputando com o Príncipe Charles o título que lhe pertence, de 24º Duque da Cornualha.

Solução do problema indígena

Quando surgiam comentários sobre os problemas dos índios no Brasil, Wilson apresentava sua solução. As terras da região de Guarapari, deveriam ser desapropriadas. Os indígenas seriam trazidos de todo território nacional e hospedados nos hotéis da região, com uísque escocês e champanhe francês para todo mundo, carros importados nas garagens, tudo do bom e do melhor. Os índios poderiam cultivar suas dancinhas e seus hábitos ancestrais, inclusive a antropofagia. Todos ficariam satisfeitos e ficaria muito mais barato que o governo.

Pediatria desvalorizada

A profissão de pediatra está cada vez mais desvalorizada. Houve uma batida de carros em frente ao Hospital Felício Rocho e desceram dos dois fuscas oito pediatras para comentar os estragos.

Toniquinho Parreiras

Toniquinho Parreiras, natural de Bonfim do Paraopeba, era valente como onça e andava com garrucha de dois canos. Comentava que se precisasse de mais de dois tiros para despachar um fulano não mereceria andar armado. Era pai de mais de trinta filhos, entre vivos e mortos, de mães diferentes, em casamentos sucessivos. Tinha o hábito de andar nu, em casa. Certa feita, recebeu um recenseador do IBGE. Estava nu em pelo. O funcionário perguntou quantos filhos ele tinha. Ao saber a quantidade, o recenseador concluiu: - Na verdade, o senhor anda nu porque não tem tempo de vestir a roupa!

Cornectomia

Alergia respiratória pode provocar hipertrofia das conchas nasais que já receberam o nome de cornetos, na nomenclatura anatômica mais antiga. Na cirurgia do nariz, a remoção total ou parcial de uma concha é denominada turbinectomia, palavra derivada do latim “turbinatus” que designa forma cônica e do grego “ectomé” que significa poda, remoção. As conchas nasais têm forma cônica. O residente se aproximou de Wilson e disse que teria que faltar uns dias porque iria se submeter a uma cornectomia. Wilson perguntou ao residente se a namorada dele estava lhe botando chifres. O residente ficou sem saber o que dizer. Wilson lhe mandou estudar e disse que a seu ver, cornectomia seria a remoção de chifres na região frontal, especialmente com uso de uma serra!

Vodka

A Doutora Tatiana Rosov é importante professora da USP, especialista em doenças pulmonares em Pediatria. Wilson propôs que a professora lhe cedesse o nome que seria registrado para produção de vodka. A proposta terminou em gargalhadas.

Barbatana de guarda-chuva

Wilson narrava que nos tempos antigos, na região de Bonfim, havia matadores profissionais que não usavam faca ou arma de fogo. Usavam barbatana de guarda-chuva. O assassino manietava e peava a vítima. Com uma das mãos, encostava a barbatana na fossa supraclavicular esquerda, junto ao esterno. A outra mão fechada, percutia levemente a barbatana, no local anatômico denominado “sangrador” e o objeto metálico progredia e não encontrando resistência, transfixava o coração da vítima. Era a descrição de um assassinato pavoroso.

Ginásticas calistênicas de alcova

Os médicos recomendavam a Wilson que ele fizesse alguma ginástica. Dirigiu-se à uma loja especializada em calçados de tênis. Perguntou ao vendedor mal-humorado:

- “O senhor tem tênis para caminhada?”

Claro que os havia mas o funcionário disse que não. Wilson rebateu:

- “E tênis para assistir televisão, o senhor tem?”.

Saiu da loja bufando de raiva. No Serpentário, comentou de maneira jocosa que a partir de então se dedicaria exclusivamente à ginásticas calistênicas de alcova.

Campinas

Campinas (SP) e Pelotas (RS) possuem imerecida fama que desperta sorrisos, em conversas maliciosas. O Dr. José Dirceu Ribeiro, de Boa Esperança, MG, bem mais novo que Wilson, fez brilhante carreira como professor de Pediatria e doenças pulmonares na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Hoje, é professor titular da referida Universidade. Certo dia, Wilson recebeu um telefonema do José Dirceu que não o conhecia. Na conversa que se seguiu, o professor campineiro convidou Wilson para ir a Campinas participar de um evento científico. Wilson respondeu:

- Não o conheço e você já vem me convidando para ir à Campinas. Quais as suas intenções?

Após breve silêncio, ambos prorromperam em gargalhadas. Wilson foi à Campinas e tornou-se grande amigo de José Dirceu.

Sensações desagradáveis

-Tal fato me causou uma sensação muito desagradável! Era como se eu estivesse preso no elevador com o Paulo Maluf. Wilson também se referia ao frio na espinha que descia até o carretel da suã.

Seca em Nanuque

Wilson e Natália eram clientes do eminente cardiologista e intensivista João Batista Gusmão, natural de Nanuque (MG), frequentador do Serpentário. Para gozar a cara do Gusmão, Wilson se referia a uma seca ocorrida em Nanuque quando calango estava fugindo do sol e sapo de dez anos ainda não tinha aprendido a nadar.

Anamnese

João Batista Gontijo Assunção, dermatologista formado na UFMG em 1947, era grande amigo do Wilson. Foram vizinhos na Rua Professor Amaro Lanari, no Bairro Anchieta, BH. Estimado professor de Dermatologia, João Gontijo possuía maneira especial de abordar pacientes mais simples, durante a anamnese. Calmamente, ao se referir a uma lesão dermatológica indagava: – A lesão comicha? Mina água? Veio a furo?

Wilson não se cansava de elogiar a maneira inteligente e gentil de João Gontijo conduzir um exame clínico. Com calma, João extraía preciosas informações do paciente para chegar a um diagnóstico preciso. O autor, formado em 1965 na UFMG, teve o privilégio de ser aluno de João Gontijo. Em determinada aula no anfiteatro da Santa Casa, onde tínhamos práticas de Dermatologia, João Gontijo levou um paciente magrinho, jeito de malandro, bigodinho ralo, para mostrar e discutir

sua doença. O malandrinho apresentava erupções rosáceas nas palmas das mãos, típicas de sífilis secundária. O professor convidou uma aluna acanhada de nossa turma para fazer a anamnese:

-Vamos doutora, anamnese dermatológica: onde começou, quando começou e como começou?

A aluna tímida virou-se para o paciente e perguntou?

- Como começou?

O malandrinho fez uma cara marota e respondeu:

- Doutora, tudo começou com uma feridinha na ponta da piroca!

Hoje, passados 55 anos daquela aula, ainda me recordo da gargalhada sonora do Professor João Gontijo. Que saudade!

Tá queimando!

O autor tomou posse na Academia Mineira de Medicina em 2010. A cadeira que lhe coube havia pertencido a José Silva de Assis, pai de Apparício. Transcrevo *ipsis litteris* um trecho do discurso de posse:

“Presto uma homenagem a José Silva de Assis e Apparício, contando caso do repertório do inesquecível Wilson Rocha, que durante muitos anos alegrou nossos almoços na lanchonete do Hospital Felício Rocho. Dizia Wilson Rocha que determinado assistente da Urologia estava fazendo uma cistoscopia, na sala de exames da Faculdade. Para os não iniciados, cistoscopia é um procedimento em que o paciente fica com as pernas afastadas, deitado de costas. O urologista introduz, pelo pênis do examinando, um aparelho que permite a visão direta do interior da bexiga. O assistente notou com uma lesão diferente e chamou Apparício, para uma opinião. Esse compareceu à sala de exames com seu indefectível cachimbo. Em alguns instantes, o paciente começou a se queixar: - Está queimando! Apparício respondeu que o paciente se queixava sem razão, que a luz do aparelho era fria, transmitida por fibra óptica. - Está queimando !!! Apparício começou a... - Está queimando minha bunda. Foram ver, o cachimbo escorregara e estava fumegando a nádega do paciente”.

Devo dizer que a plateia que assistia ao discurso, no salão nobre da Associação Médica, prorrompeu em gargalhadas!

Poligamia no Brasil

Quando Wilson foi para os USA pela primeira vez, teve que se passar por exportador de café, para conseguir embarcar de Nova Iorque para a Pensilvânia, pela Pan American. No regresso, uma familiar que havia ido para os USA, voltaria com Wilson, Natália e filhos. Acontece que a Pan Am estava fazendo uma promoção, dando substancial abatimento para esposas. No balcão da companhia, Wilson apresentou a parenta como segunda esposa: “Poligamia é muito comum no Brasil! Essa senhora é também minha mulher e tem direito ao desconto que está sendo fornecido”. O funcionário do balcão ficou encafifado e se dirigiu à parte posterior da agência. Voltou com um funcionário graduado, de terno, fisionomia grave que sussurrou”:

- A Pan American não reconhece bigamia!

Wilson se alegrava muito ao recordar tal fato.

Refrega

Celso Bonfim, advogado, capixaba de Santa Tereza, teve grande sucesso profissional em Belo Horizonte. O irmão do autor, Jorge Affonso, também advogado, trabalhou certa época no escritório de Celso. Este manteve, no jornal Estado de Minas, uma coluna de casos engraçados relacionados ao exercício da advocacia. A sala da Diretoria do Hospital Felício Rocho era frequentada entre outros, por Wilson, Tardieu Pereira e Rubens Resende Neves. Tardieu e Rubens, ambos advogados, eram diretores da Fundação Felice Rosso, mantenedora do Hospital. O caso a seguir foi relatado, em 1981, na coluna de Celso Bonfim. Foi lido, relido e comentado na sala da Diretoria. Entrou, então, para o repertório do Wilson Rocha.

- Houve uma briga na Zona. Uma prostituta foi atingida por uma facada no baixo ventre. O juiz, pernóstico e verboso, perante relativa plateia, ditava para o escrivão o depoimento de uma colega da vítima, sem guardar muita fidelidade a suas palavras, substituindo-as por outras, que pensava mais eruditas. E ditou:

- ... a depoente viu quando a vítima foi atingida no meio da refrega...”

A testemunha contestou prontamente o juiz:

- “Não foi no meio da refrega não, seu juiz. Foi entre a refrega e o embigo!”

Mora longe

Parte da família de Natália se opunha ao seu casamento com Wilson. Os argumentos que usavam eram: “O homem é feio, preto, comunista, pobre, mora longe...”. Com seu lendário bom-humor, Wilson dizia que o argumento que mais o desagradava era “mora longe”.

Referências

1 – Barbosa, Waldemar de Almeida. Dicionário histórico- geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte. Promoção-da-Família Editora, 1971.

2 – Cascão, Hilda Fernal. Waldemar Fernal, meu pai. Rio de Janeiro. Sel Editora, 1997.

3 – Cunha, Renato Trigueiro da. Museu de cabeceira: Bonfim, MG. Documentário. 2008.

3 – Martins, Lúcio Urbano da Silva. Cidade do Bonfim: apontamentos históricos e notas de vida de bonfinenses ilustres. Belo Horizonte. Cemig: 2008.

3 – Martinez, Cláudia Eliane Parreiras Marques. Riqueza e escravidão: vida material e população no século XIX – Bonfim do Paraopeba /MG. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

4 – Rocha, Leda. Entrevista em 2015.



Álbum
de
Família



Wilson Rocha



Wilson Rocha e seu filho Paulo Rocha



Wilson, Natália e Paulo Rocha



Wilson,



Paulo Rocha



Natália Rocha



Wilson, Natália....



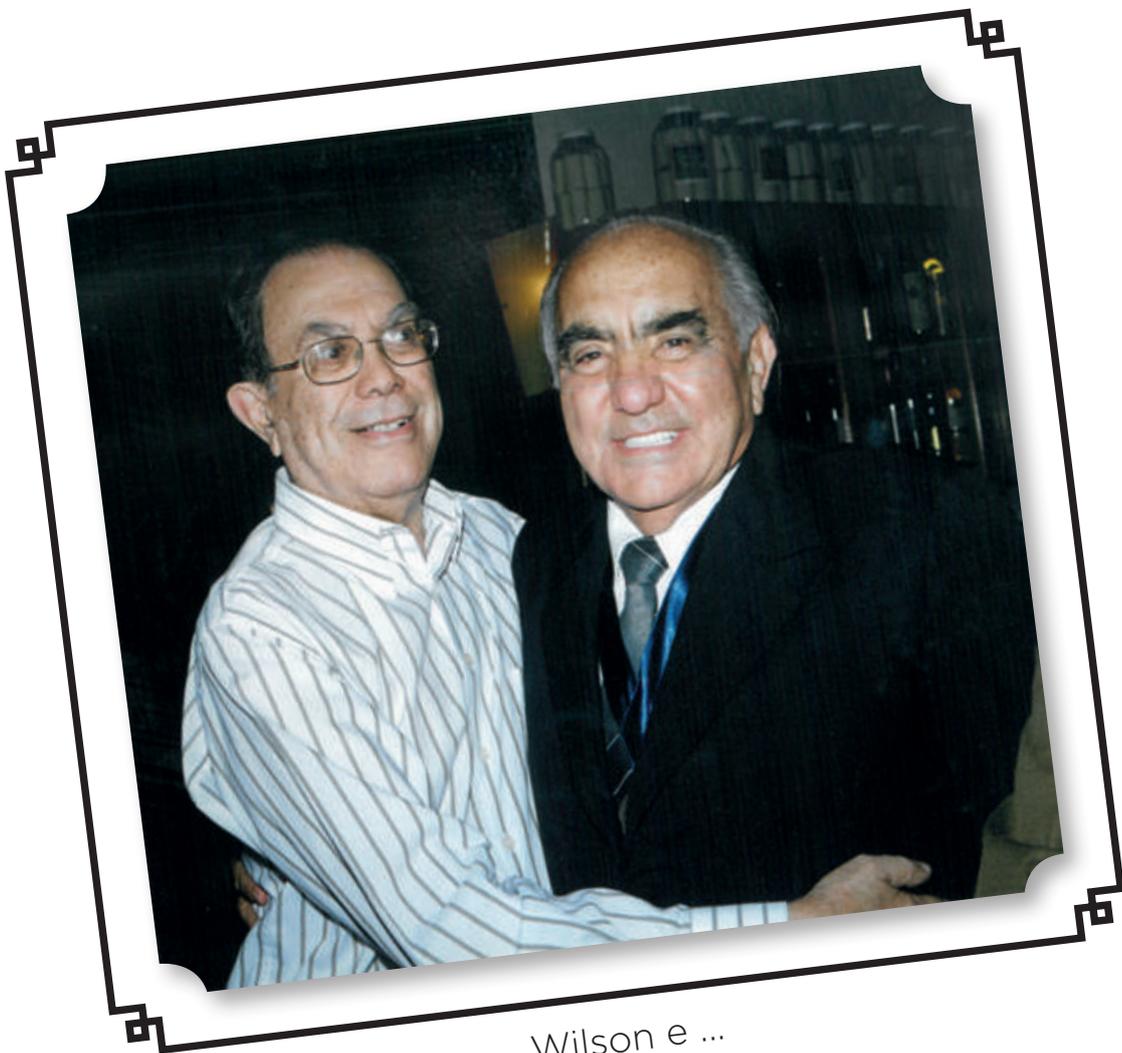
Wilson,



Casa....



Ponte torta na entrada de Bonfim



Wilson e ...

Este livro foi composto com tipografia Gotham
e impresso em papel Offset 90g.
